UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTIFICA E INTELECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:
https://periodicos.ufes.br/romanitas/article/view/37534

DOI: https://doi.org/10.29327/2345891.19.19-13

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:
©2022 by Universidade Federal do Espírito Santo. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo
CEP 13083-970 – Campinas SP
Fone: (19) 3521-6493
http://www.repositorio.unicamp.br

A construção do gênio militar de Alexandre Magno na literatura antiga e sua recepção na historiografia anglófona

The construction of Alexander the Great's military genius in ancient literature and its reception in Anglophone historiography

SANT'ANNA, H. M. *A fabricação de Alexandre Magno*: habilidade política e genialidade militar nas fontes antigas (336-331 AEC). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2021. 198 p.

Thiago do Amaral*

Recebido em: 11/02/2022
Aprovado em: 07/05/2022

Professor de História Antiga da Universidade de Brasília há pouco mais de uma década – hoje atuando também no Departamento de Pós-Graduação em Metafísica da mesma instituição – Henrique Modanez de Sant'anna tem se destacado em pesquisas sobre Alexandre Magno, história militar e investigações sobre o período helenístico de forma geral. Além do livro ora recenseado, Sant'anna é autor de *Alexandre Magno - a paixão da guerra* (Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011) e *História da República Romana* (Vozes, 2015), além de capítulos e artigos em períodos diversos.

A fabricação de Alexandre Magno: habilidade política e genialidade militar nas fontes antigas (336-331 AEC) veio a público em 2021, novamente pela Imprensa da Universidade de Coimbra, como parte da coleção Autores Gregos e Latinos – Série Ensaios. O objetivo central do livro, como exprimido pelo autor, é realizar uma

> [...] discussão sistemática e comparativa dos relatos das principais fontes greco-a a eles pelo *corpus* disponível, em contraposição à abundância de relatos a respeito de combatentes de mesma categoria no lado persa do *front*. A argúcia na leitura e na escolha do tema, bem como o uso de diversas fontes, torna esse segundo interlúdio, na opinião deste autor, o mais instigante dos três. O último deles, "O

* Doutorando, mestre e graduado em História pela Universidade Estadual de Campinas. A pesquisa de doutorado, *Temporada de caça: recepções e adaptações de cenas de caça ao leão no repertório helenístico (séculos VI e III a.C.)*, é orientada pelo Prof. Dr. Luiz Marques e conta com financiamento do CNPq (141445/2019-0).

> à vitória em Gaugamelos), de modo a debater minuciosamente suas formulações narrativas em torno do rei e seus ecos nas biografias de língua inglesa, de Robin Lane Fox (1973) e Peter Green (1991) a Paul Cartledge (2004) e Martin & Blackwell (2012). Detalhadamente, interessa a complexa construção narrativa de sua imagem como governante razoável e legítimo entre os gregos, e invencível e benevolente entre os bárbaros" (SANT'ANNA, 2021, p. 18-19).

Importante destacar que, além dos nomes elencados, outros historiadores de língua inglesa de primeiro plano – como o fundacional W. W. Tarn ou indispensável A. B. Bosworth – têm suas teses passadas, com muita propriedade, em revista. A ideia central de *A fabricação de Alexandre Magno* é, portanto, desvelar como as fontes da Antiguidade constroem a ideia de um conquistador de inigualável engenho militar – recorrendo, de resto, a categorias retóricas já consolidadas no repertório literário, sobretudo Homero –, e de que maneira essa construção passou, por vezes sem um crivo suficientemente calibrado, pela historiografia anglófona do último século.

O livro se inicia com panorâmica precisa – e necessária, em vista da ausência de reflexões mais profundas na historiografia brasileira – a respeito dos principais problemas que assaltam as fontes literárias para o estudo de Alexandre Magno, de sua transmissão textual incerta à datação muito posterior ao século IV a.C. Essa empresa ocupa as páginas de 19 a 23, mas, à página 17 e a título de esclarecimento, Sant'anna propõe expressão lapidar para lidar com os problemas do *corpus*: trata-se de fazer, a partir dele, um "Frankenstein possível". Ainda no primeiro segmento do livro, vale ressaltar a escolha do autor – em consonância com a historiografia internacional – por avaliar as raízes modernas da historiografia sobre o período helenístico de forma que,[1] conquanto dê o devido reconhecimento a Droysen, não deixe de mencionar outros contemporâneos de envergadura. Destaco o português Oliveira Martins, cuja existência era ignorada pelo autor desta resenha até a leitura do livro ora em análise.

Os capítulos seguem em ordem cronológica, sendo interrompidos apenas por três pequenos interlúdios, dedicados ao exame de temas específicos. O primeiro, "Alexandre e Aquiles", demonstra como, por meio de diversas figuras de linguagem, autores como Plutarco e Arriano criaram uma imagem de Alexandre à semelhança do herói dos aqueus. Aspectos como o par Aquiles e Pátroclo/Alexandre e Heféstion ou a união matrimonial entre Alexandre e Roxane pareada à de Aquiles e Briseida aparecem nas fontes greco-latinas, sendo absorvidos por historiadores modernos como já referenciado por Tarn: "Soldados invisíveis? Os mercenários gregos". O segundo interlúdio busca compreender o papel dos mercenários nos exércitos de Alexandre, ciente da pouca atenção dispensada

[1] Veja-se, por exemplo: Briant (2009, p. 171-188) e Moreno Leoni (2017, p. 21-57).

> oráculo de Ámon-Zeus", analisa a controversa visita de Alexandre ao oásis de Siwa, enfatizando como consultas oraculares eram *topoi* na literatura grega – envolvendo de Aristides a Orestes, passando inclusive por Filipe II – e como esse conjunto de referências pode ter pesado sobre a história de Alexandre.

O primeiro capítulo, "A campanha balcânica e o cerco a Tebas", se propõe a analisar os anos iniciais do reinado de Alexandre. Nesse segmento, destaco os questionamentos feitos ao suposto pan-helenismo de conquistador (SANT'ANNA, 2021, p. 27-29) e também a leitura a respeito do entrevero entre Alexandre e seu pai, por ocasião do matrimônio entre Filipe II e Cleópatra, descrito com tintas carregadas por Plutarco e assimilado de forma acrítica por estudiosos como Tarn. Do segundo segmento, "O início da expedição asiática", saliento a discussão (SANT'ANNA, 2021, p. 59-62) a propósito dos contingentes greco-macedônios e aquemênidas. Sant'anna ressalta como, mais do que cifras plausíveis, os números apresentados pelos historiadores de Alexandre ecoam montantes hiperbólicos tópicos no repertório grego, das Guerras Greco-Pérsicas aos 10 mil de Xenofonte. Nesta última comparação, são dignas de nota as referências explícitas traçadas por Arriano – ele próprio que, de resto, se arrogava como sucessor de Xenofonte – entre as batalhas Grânico (334 a.C.) e Cunaxa (401 a.C.): Alexandre, porém, teria suplantado o escritor ateniense não somente em termos de brilhantismo militar, mas, sobretudo, por ter liderado um exército pátrio. Em "O primeiro embate com o Grande Rei", terceiro capítulo, Sant'anna (2021, p. 94) volta a observar as interconexões entre Xenofonte e Alexandre, e como esses paralelos foram interpretados por historiadores como Cartledge. Merece reconhecimento a arguta discussão a respeito dos paramentos régios abandonados por Dario III durante a Batalha de Isso (333 a.C.) e de como o ato era reportado como dos mais ignominiosos nas coordenadas mentais gregas. De forma semelhante, Sant'anna (2021, p. 90) evidencia como a célebre descrição do exército aquemênida feita por Quinto Cúrcio ecoa clichês herodoteanos empregados nos relatos sobre as tropas de Xerxes.

Do quarto segmento, "Alexandre entre fenícios e egípcios", ganha destaque a análise do cerco de Tiro (2021, p. 123-125) e, em nota de fundo (2021, p. 129), a importância de 74 referências a Homero no *corpus* de Plutarco, testificando, agora de forma indireta, como os poemas homéricos têm peso sobre a *Vida de Alexandre* e o opúsculo *Sobre a fortuna e virtude de Alexandre Magno*, textos de Plutarco dedicados ao conquistador. "O rei invencível: Gaugamelos" é o último capítulo. Ele comporta um dos momentos de maior argúcia analítica de Sant'anna (2021, p. 139-140), a propósito dos diferentes relatos sobre o embate que nomeia a seção, e, em particular, o eclipse lunar que o antecedeu. O cruzamento entre a tradição textual clássica, cujo viés já está bastante evidenciado a essa altura do livro, e a fonte babilônica *Diários Astronômicos* ratifica como o resultado

de Gaugamelos pode ser imputado muito mais a um sistema de crenças que interpretava eclipses como o pior dos presságios – minorando no processo o moral das tropas persas – do que a visão de um Alexandre campeão militar invencível, responsável por apavorar o Grande Rei e seus soldados até a fuga, conforme veiculada pela literatura greco-romana. Trata-se de, como já há muito rogado por Pierre Briant,[2] aquilatar os Aquemênida por meio de fontes de tipologia oriental. Aqueles que, por outro lado, se fiam apenas em Arriano e Plutarco, como Lane Fox, terminam por repetir chavões improcedentes a respeito da inépcia militar de Dario III. Por fim e ainda a respeito desse capítulo, é merecedora de elogio a astúcia de observar, na descrição dos movimentos iniciais de Gaugamelos, ecos do duelo entre Aquiles e Heitor narrados na *Ilíada* (p. 148). *A fabricação de Alexandre Magno* se encerra com o anexo "Outro Arriano: O Império Parto na visão grega", versão revista e atualizada do artigo *Uma revisão crítica das fontes historiográficas para a história do Império Parto (247 a.C. - 228 d. C.): o caso de Apolodoro de Artemita e Arriano de Nicomédia*, divulgado inicialmente na revista História da Historiografia (2015, p. 262-273). Embora republicado como anexo, trata-se de estudo de primeira grandeza tanto como revisão historiográfica a respeito do Império Parto quanto como avaliação circunscrita de Apolodoro e Arriano – temas com pouquíssimo material bibliográfico em português.

Posto que os parágrafos anteriores já destacaram os excertos mais ricos do livro, cabe encerrar esta resenha apresentando seus méritos de caráter geral. Trata-se de obra de leitura fluida, tanto ao iniciado quanto ao iniciante, graças a uma escrita sucinta, clara e acessível. Para o grupo de estudiosos mais avançados, a decisão do autor – e a acolhida da editora – de disponibilizar os originais em notas de pé de página é das mais acertadas, garantindo, em tempo real, a comparação entre o texto greco-latino e as opções de tradução do autor. Outra elogiável opção de Sant'anna é o uso sem preconceito de fontes como Diodoro Sículo, passando ao largo de uma tradição historiográfica, em particular da escola oitocentista alemã,[3] que tende a menoscabar os dotes do autor siciliano.

O trabalho de Henrique Modanez de Sant'Anna, portanto, demonstra como uma metodologia por vezes tida por ultrapassada, baseada na leitura de fontes antigas em conjunto com a historiografia moderna, pode render frutos dos mais elogiáveis. Uma nota final, e se me é permitido pelo autor resenhado, seria refletir, talvez na forma de um

[2] Esse repto do historiador francês foi lançado desde suas primeiras produções na década de 1970, mas assumiu sua forma canônica na obra maior de Briant: *Histoire de l'Empire Perse: de Cyrus à Alexandre* (1996).

[3] Que se inicia como o verbete de Eduard Schwartz para a *Realencyclopädie der classischen Altertumswissenschaft*: "Diodoro, o compilador – de obra não se pode nomear esse livro". Theodor Mommsen o rotulou como "escritor miserável", enquanto Barthold Georg Niebuhr lhe atribuiu epítetos nada elogiosos: "ingênuo, incompetente, tolo, inepto mesmo para um compilador". Sobre a fortuna crítica de Diodoro. Ver: Mota (2008, p. 24-27).

futuro artigo, a respeito das peculiaridades de um Alexandre delineado pela historiografia anglófona. Existe uma espécie de "Alexandre vitoriano", descrito em primeira mão por W. W. Tarn e que acabou hegemônico na língua inglesa até meados do século XX? E em que medida é sintomático que, embora exprimidas em inglês, as críticas a esse modelo vieram, primeiro, de um austríaco (Ernst Badian) e, em seguida, de um acadêmico que, conquanto oriundo da Inglaterra, fez boa parte da carreira na Austrália (A. B. Bosworth)? Independentemente das respostas a essas duas hipóteses, *A fabricação de Alexandre Magno* é trabalho indispensável para os estudiosos de Alexandre e recomendável, inclusive, a historiadores e estudantes de História que se interessam pelas dificuldades metodológicas envolvidas no trabalho com fontes fragmentárias e escritas de três a cinco séculos depois dos eventos por elas narrados.

Referências

BRIANT, P. Alexander and the Persian Empire, between 'Decline' and 'Renovation'. In: HECKEL, W.; TRITLE, L. (ed.). *Alexander the Great*: a new history. Hoboken: Blackwell, 2009, p. 171-188.

BRIANT, P. *Histoire de l'Empire Perse*: de Cyrus à Alexandre. Paris: Fayard, 1996.

MORENO LEONI, Á. Alejandro Magno como 'conquistador-civilizador': la lectura ilustrada de Flavio Arriano y Plutarco entre los siglos XVIII-XIX. In: ESPINO MARTÍN, J.; CAVALLETTI, G. (ed.). *Recepción y Modernidad en el siglo XVIII*: la Antigüedad Clásica en la configuración del pensamiento ilustrado. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2017, p. 21-57.

MOTA, C. *As lições de História Universal da Biblioteca Histórica de Diodoro da Sicília como processo educativo da Humanidade*. 2008. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

SANT'ANNA, H. M. Uma revisão crítica das fontes historiográficas para a história do Império Parto (247 a.C.-228 d. C.): o caso de Apolodoro de Artemita e Arriano de Nicomédia. *História da Historiografia*, v. 17, p. 262-273, 2015.

SANT'ANNA, H. M. de. *A fabricação de Alexandre Magno*: habilidade política e genialidade militar nas fontes antigas (336-331 AEC). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2021.

SANT'ANNA, H. M. de. *Alexandre Magno*: a paixão da guerra. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011.

SANT'ANNA, H. M. de. *História da República romana*. Petrópolis: Vozes, 2015.